

Interfaces entre pastoral e espiritualidade no magistério de Francisco

Paulo Sérgio Carrara¹

Resumo: A pastoral diz respeito à ação da Igreja, que envolve todos os batizados, responsáveis pelo anúncio da Boa Nova do Evangelho em vista da transformação das estruturas da sociedade em Reino de Deus. A espiritualidade se refere à assimilação pessoal do mistério de Cristo e se apresenta como *vida em Cristo desde o Espírito*. A partir desses dois conceitos, será possível evidenciar que Francisco acentua a urgência da ação evangelizadora no mundo, a partir do essencial: “a beleza do amor salvífico de Deus manifestado em Jesus Cristo” (EG 36). Por outro lado, mostrar-se-á que a ação evangelizadora pressupõe o encontro pessoal com Cristo (EG 3). A pastoral e a espiritualidade enfrentam, no entanto, dois inimigos: o “gnosticismo” e o “pelagianismo”, heresias dos primeiros séculos do cristianismo, mas sutilmente presentes na vida da Igreja (GE 35); “erros antigos” que “representam perenes perigos de equívocos da fé”. Tais erros se manifestam na vida daqueles cristãos que preferem “um Deus sem Cristo, um Cristo sem Igreja, uma Igreja sem povo” (GE 37-39). Essa análise conclui que pastoral e espiritualidade são dois aspectos indissociáveis no magistério de Francisco, englobando a ação evangelizadora e a assimilação pessoal do mistério cristão.

Palavras-chave: Evangelização. Vida em Cristo. Gnosticismo. Pelagianismo.

INTRODUÇÃO

A vida cristã na Igreja apresenta várias dimensões: litúrgico-sacramental, pastoral-evangelizadora, espiritual etc. Na verdade, são aspectos de uma mesma realidade, uma vez que apontam sempre para a graça da autocomunicação de Deus em Cristo em vista da salvação da humanidade. A graça cristã se revela, assim, o tema primordial da teologia cristã. Graça que apresenta perspectiva trinitária: O Pai envia o seu Filho unigênito para realizar a obra da salvação da humanidade por sua encarnação, vida, morte e ressurreição. O Filho, glorificado pelo Pai em sua morte e ressurreição, envia, de junto do Pai, o Espírito Santo a fim de comunicar à humanidade a salvação, definida de inúmeras maneiras no Novo Testamento: libertação, justificação, filiação divina, divinização, inabituação trinitária etc.

Pastoral e espiritualidade se entendem a partir da prioridade da graça. A pastoral diz respeito a uma dimensão mais horizontal da graça e se refere à evangelização, anúncio da ação salvífica de Deus através dos meios de que a Igreja dispõe para fazer chegar aos seres humanos a Boa Nova do Evangelho. A espiritualidade, por sua vez, expressa enfoque mais vertical, salientando a assimilação pessoal da graça, que transforma aquele que a acolhe, inserindo-o

¹ Doutor e pós-doutor em teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE), de Belo Horizonte. Diretor e professor do Instituto São Paulo de Estudos Superiores (ITESP), em São Paulo. Membro do Grupo de Pesquisa *Estudos em Cristologia* da FAJE. Membro da SOTER. Contato: pecarracsr@gmail.com

na própria vida de Deus. São duas dimensões que, embora distintas, se complementam e se exigem. A interface entre pastoral e espiritualidade emerge como um indício caracterizante do magistério do Papa Francisco, que insiste tanto na tarefa de evangelizar o mundo pelo anúncio do Reino quanto na indispensável apropriação pessoal da graça para que a evangelização seja eficaz e esteja a serviço da conversão.

1 PASTORAL E EVANGELIZAÇÃO

O termo pastoral conhece diferentes significados, dependendo do ponto de vista do qual é abordado. Evidentemente, seria impossível falar da pastoral prescindindo do ser da Igreja e de sua doutrina. A pastoral pertence à vida da Igreja e não exclui a reflexão, antes a supõe. Sem levar em consideração a complexidade do termo no espaço da teologia, aqui ela se deixa compreender como aquilo que diz respeito à ação da Igreja, ao fazer da Igreja no mundo (RAMOS, 2006, p. 5-9). Seria a sua tarefa cotidiana, envolvendo todos os batizados, responsáveis pelo anúncio da Boa Nova do Evangelho em vista da transformação da sociedade em Reino de Deus. A pastoral da Igreja, no seu significado mais imediato, se traduz na evangelização, sobre a qual o Papa Francisco tem insistido, apresentando-a, na linha do Vaticano II, como tarefa dos batizados. Embora haja diversos ministérios na Igreja, a tarefa da evangelização decorre do batismo e o que chamamos *pastorais e movimentos*, de um modo ou de outro, tem sempre em vista a evangelização. E mesmo os cristãos que apenas vivem seu batismo, seguindo a Cristo na simplicidade de sua vida, evangelizam pelo exemplo e valores evangélicos assumidos.

Em sentido amplo, a pastoral aponta para os diversos modos de fecundar a realidade com a semente do Evangelho de Jesus Cristo, afinal, ele deixou aos discípulos de todos os tempos essa missão: “Ide e proclamai que o Reino dos céus se aproximou” (Mt 10,7; cf. Lc 9,2.6). Os sinóticos se concluem com este mandato de Jesus: “Ide pelo mundo inteiro, proclamai o Evangelho a toda a criatura” (Mc 16,15; cf. Mt 28,19s; Lc 24,47; At 1,8). Depois de Pentecostes, os discípulos cumprem a tarefa recebida, pregando o Evangelho e espalhando alegria em toda a parte (cf. At 8,39; 13, 48.52; 15,31).

Segundo Paulo VI (EN, n. 14) o anúncio do Evangelho é a verdadeira identidade da Igreja. Se não evangeliza, ela trai a sua missão. E Francisco afirma que a ação evangelizadora se configura como “o paradigma de toda a obra da Igreja” (EG, n. 15). O *fazer da Igreja*, em sentido estrito, se encontra na evangelização. A nova Constituição Apostólica que propõe a reforma da Cúria Romana, acentua a missão evangelizadora da Igreja: *Praedicate Evangelium*. A evangelização nasce do mistério pascal de Cristo. O Espírito Santo é dado para que os discípulos permaneçam na intimidade com Jesus e se sintam enviados a anunciar a Boa Nova do Evangelho. Ele é o protagonista da missão e chega antes que o **missionário à vida das pessoas**. O *ide* de Jesus inclui os desafios futuros da missão de todos os tempos. Por isso o Papa Francisco convida a Igreja a se tornar *uma Igreja em saída*, o que supõe abandono das comodidades para ir às periferias do mundo nas quais há escassez da luz do Evangelho (EG, n. 19-20). A comunidade cristã, Povo de Deus (LG) porta uma vocação missionária. “Com

obras e gestos, a comunidade missionária entra na vida diária dos outros, encurta as distâncias, abaixa-se – se for necessário – até à humilhação e assume a vida humana, tocando a carne sofredora de Cristo no povo” (EG, n. 24).

Francisco propõe que a evangelização não seja imposição extrínseca de doutrinas, mas anúncio do essencial, do mais atraente e do mais necessário (EG n. 35). As vertentes doutrinária, jurídica e institucional ficam em segundo plano no que concerne o serviço da evangelização. O essencial simplifica a proposta para torná-la mais acessível, sem que essa perca consistência. O Papa revaloriza o princípio da hierarquia das verdades do Vaticano II. As verdades reveladas procedem da mesma fonte divina e merecem a mesma fé, mas algumas explicitam mais a essência do Evangelho, elucidando seu núcleo fundamental, que é “a beleza do amor salvífico de Deus manifestado em Jesus Cristo morto e ressuscitado” (EG, n. 36). O amor salvífico na pregação de Jesus se identifica com o Reino de Deus oferecido a todos como graça e misericórdia (Mc 1,15; 2,21; Lc 7,22; 16,16; Mt 11,12.1).

A proposta é o Reino de Deus (cf. Lc 4,43); trata-se de amar a Deus, que reina no mundo. À medida que Ele conseguir reinar entre nós, a vida social será um espaço de fraternidade, de justiça, de paz, de dignidade para todos. Por isto, tanto o anúncio como a experiência cristã tendem a provocar consequências sociais (EG 180).

O Reino de Deus supõe trabalhar por um mundo mais humano para que Deus possa reinar. “A Igreja não pode nem deve ficar à margem na luta pela justiça. Todos os cristãos, incluindo os pastores, são chamados a preocupar-se com a construção de um mundo melhor” (EG, n. 183). A solidariedade com os pobres supõe trabalhar pelos seus direitos fundamentais quanto à justiça e à liberdade, para que sejam capazes de superar os males que os oprimem. Francisco pede para “inserir-nos a fundo na sociedade, partilhar a vida com todos, ouvir suas preocupações, colaborar material e espiritualmente nas suas necessidades, alegrar-nos com os que estão alegres, chorar com os que choram e comprometer-nos na construção de um mundo novo, lado a lado com os outros” (EG, n. 269). A evangelização, portanto, supõe assumir a proposta de uma *Igreja em saída* para que o mundo se assemelhe sempre mais ao Reino de Deus, assimilando seus valores: paz, justiça, liberdade, fraternidade. A Igreja, a serviço do mundo e, nele, dos mais necessitados, não assume postura autorreferencial, mas sai de si, misturando-o à história dos seres humanos, mormente dos marginalizados.

2 ESPIRITUALIDADE: VIDA EM CRISTO DESDE O ESPÍRITO

A espiritualidade cristã se refere à assimilação pessoal do mistério de Cristo e se apresenta como *vida em Cristo desde o Espírito*, acentuando a passagem do assenso racional à apropriação pessoal do Evangelho. Ela se refere à estrutura da pessoa como um todo e não a um acréscimo desnecessário. A espiritualidade envolve as atitudes, comportamentos, relações humanas. Não se restringe, portanto, à vida de oração, mesmo se a inclui como um dos seus momentos mais significativos. A espiritualidade diz respeito, portanto, à vida concreta desde

a relação com Cristo pelo Espírito, acenando para a estruturação da vida desde a fé teologal. Portanto, ela emerge da própria identidade cristã, como consequência da imersão no mistério pascal de Cristo pelo batismo. A espiritualidade diz respeito à personalização da graça batismal que repercute na vida do cristão em todos os seus aspectos (GAMARRA, 2000, p. 38). No contexto pós-moderno, marcado pelo niilismo e pela multiplicidade de referências de sentido, a passagem de um cristianismo culturalmente transmitido a um cristianismo pessoalmente assumido se torna uma urgência. A espiritualidade se mostra, para o cristão atual, um desafio decisivo, porque se trata da orientação fundamental que quer dar à sua vida a partir de sua adesão a Cristo pela fé.

O Papa se mostra muito atento ao desafio da assimilação pessoal do mistério de Cristo. No início do seu ministério, por exemplo, convida cada cristão a renovar o seu encontro pessoal com Cristo, porque Jesus, em sua paciência e bondade, espera cada um com alegria. “Eis que estou à porta e bato” (Ap 3,20). Portanto, é preciso dizer a Jesus: “Senhor, me deixei enganar, de mil maneiras fugi do teu amor, mas aqui estou mais uma vez para renovar minha aliança contigo. Tenho necessidade de ti. Resgata-me de novo Senhor, me aceita novamente entre teus braços redentores” (EG, n. 3). O amor de Jesus constitui a maior dignidade do cristão e de cada ser humano. Amor misericordioso que, quando acolhido pelo cristão, permite-lhe levantar a cabeça e retomar com coragem o caminho do seguimento. E Francisco encoraja os cristãos a jamais desistir de estar com Cristo, de conhecê-lo, amá-lo, segui-lo, por mais dificuldades que encontre em seu caminho. “Não fujamos da ressurreição de Jesus, não nos demos mais por vencidos, aconteça o que acontecer” (EG, n. 3).

Na Exortação Apostólica *Gaudete et Exultate*, voltada para o tema da santidade, Francisco propõe a todos a *excelência* da vida cristã, ou seja, a santidade, palavra que sintetiza o núcleo da espiritualidade cristã, uma vez que ambas se referem à graça batismal, que exige ser pessoalmente assumida pelos cristãos. O Papa propõe a santidade na esteira do Concílio Vaticano II, que, na constituição dogmática *Lumen Gentium*, apresentou a santidade como caminho da perfeição da caridade para todos os cristãos. “Todos os fiéis cristãos de qualquer estado ou ordem são chamados à plenitude da vida cristã e à perfeição da caridade. Por essa santidade se promove também na sociedade terrestre um modo mais humano de viver (LG, n. 40). A santidade, segundo o Papa, não se identifica com um caminho extraordinário percorrido por uma elite espiritual, mas com a existência que brota do batismo e que se expressa no amor fraterno, mormente aos mais pobres e abandonados.

Francisco faz apelo a uma espiritualidade concreta, evidenciando que essa não se caracteriza por êxtases, visões ou atos heroicos, como na vida de alguns santos canonizados, mas se manifesta no cotidiano simples daqueles que se deixam guiar pelo Espírito Santo recebido no batismo, vivendo em comunhão com Cristo e com os irmãos, empenhando-se verdadeiramente para que os valores do Reino anunciado por Jesus – justiça, liberdade, paz e liberdade – se concretizem nas relações humanas, gerando um mundo melhor para todos. Dois perigos, no entanto, ameaçam, a espiritualidade e se tornam também um grande um risco para a pastoral: neopelagianismo e o neognosticismo.

3 NEOPELAGIANISMO E NEOGNOSTICISMO: INIMIGOS DA ESPIRITUALIDADE E DA PASTORAL

No segundo capítulo da GE, o Papa define o que ele chama de os dois “dois inimigos sutis da santidade” (GE n. 36-51). O documento *Placuit Deo* (Aprova a Deus) da Congregação para a Doutrina da Fé detalhou esses inimigos. São eles o *gnosticismo* e *pelagianismo*, heresias dos primeiros séculos do cristianismo, mas sutilmente presentes na vida da Igreja, sobretudo na atualidade (GE, n.35). Na *Evangelii gaudium* o Papa já os havia resumido, apontando-os como inimigos da santidade e da evangelização, manifestações do que ele define como mundanismo espiritual, que consiste em buscar, “em vez da glória do Senhor, a glória humana e o bem-estar pessoal” (EG, n.93). O fascínio do gnosticismo consiste

numa fé fechada no subjetivismo, onde apenas interessa uma determinada experiência ou uma série de raciocínios e conhecimentos que supostamente confortam e iluminam, mas, em última instância, a pessoa fica enclausurada na imanência da sua própria razão ou dos seus sentimentos (EG 94).

Quanto ao neopelagianismo, tem a ver com uma atitude autorreferencial, aparece no comportamento de quem “só confia nas suas próprias forças e se sente superior aos outros por cumprir determinadas normas ou por ser irredutivelmente fiel a certo estilo católico próprio do passado” (EG, n. 94). Essa postura se mostra imanentista e exclui, na verdade, Jesus Cristo e a missão de construir a fraternidade, ignorando, assim, a mensagem do Evangelho. A carta *Placuit Deo* da Congregação para a Doutrina da Fé aos bispos, sobre alguns aspectos da salvação cristã, retoma as afirmações de Francisco, abordando essas *novas heresias*, ancoradas no passado da Igreja, hoje presentes sob traços apenas semelhantes. “De fato, a diferença entre o contexto histórico secularizado de hoje e o dos primeiros cristãos, nos quais estas heresias nasceram é grande” (PD, n. 3). Em nota, a carta situa historicamente tais heresias.

De acordo com a heresia pelagiana, desenvolvida durante o século V ao redor de Pelágio, o homem, para cumprir os mandamentos de Deus e ser salvo, precisa da graça apenas como um auxílio externo à sua liberdade, mas não como uma regeneração radical da liberdade, sem mérito prévio, para que ele possa realizar o bem e alcançar a vida eterna (PD, n. 3).

Já o movimento gnóstico, que surgiu nos séculos I e II, conheceu formas muito diferentes entre si. A referida carta o redefine na perspectiva adotada pelo Papa Francisco.

Em geral, os gnósticos acreditavam que a salvação é obtida através de um conhecimento esotérico ou ‘gnose’. Esta gnose revela ao gnóstico sua essência verdadeira, isto é, uma centelha do Espírito divino que habita em sua interioridade, que deve ser libertada do corpo, estranho à sua verdadeira humanidade. Somente assim o gnóstico retorna

ao seu ser originário em Deus, de quem ele afastou-se pela queda original (PD, n. 3).

Chama a atenção a insistência do Papa no conceito de *mundanismo espiritual*, que leva as pessoas “a se esconder por detrás de aparências de religiosidade e até mesmo de amor à Igreja; e buscar, ao invés da glória do Senhor, a glória humana e o bem-estar pessoal” (EG, n. 93). Francisco denuncia “uma forma de consumismo espiritual à medida do próprio individualismo doentio” (EG, n. 89), o que tem a ver com o narcisismo, em suas dimensões de excesso, projetado na espiritualidade. E lamenta o crescimento do “apreço por várias formas de espiritualidade do bem-estar sem comunidade, por uma teologia da prosperidade sem compromissos fraternos ou por experiências subjetivas sem rostos, que se reduzem a uma busca interior imanentista” (EG, n. 90). O fascínio do gnosticismo é o de

uma fé fechada no subjetivismo, onde apenas interessa uma determinada experiência ou uma série de raciocínios e conhecimentos que supostamente confortam e iluminam, mas, em última instância, a pessoa fica enclausurada na imanência da sua própria razão ou dos seus sentimentos (EG, n. 94).

O gnosticismo é recusa da transcendência, revelando o orgulho da razão, que pensa dominar o mistério (GE, n. 40). Ele brota de um elitismo narcisista que pretende controlar a graça de Deus em sua imprevisibilidade (GE, n. 46), negando, em certo sentido, a necessidade da fé e da confiança em Deus para a existência cristã e o processo de evangelização, como se o Reino de Deus pudesse ser construído apenas com a inteligência capaz de planejar e executar segundo seus próprios critérios. Francisco denuncia, portanto, a falta da experiência da graça ou seu esquecimento.

O pelagianismo atual surge como consequência do gnosticismo e se manifesta como orgulho da vontade, com a qual se pensa resolver os problemas da Igreja. Nesse caso, não se adora mais a inteligência humana, mas o “esforço pessoal”, caracterizado por uma vontade sem humildade, daqueles que se sentem “superiores aos outros por cumprir determinadas normas” ou, ainda, por serem fiéis “a um certo estilo católico” (GE, n. 49). O pelagianismo se manifesta de várias maneiras, sempre a partir de uma “complacência egocêntrica, como afirma o Papa” (GE, n. 57), enumerando os traços característicos do desvio gnóstico.

A obsessão pela lei, o fascínio de exhibir conquistas sociais e políticas, a ostentação no cuidado da liturgia, da doutrina e do prestígio da Igreja, a vanglória ligada à gestão de assuntos práticos, a atração pelas dinâmicas de autoajuda e realização autorreferencial (GE 57/EG 95).

São atitudes próprias daqueles que não se deixam “guiar pelo Espírito no caminho do amor” (GE, n. 57). Ser pelagiano é não contar com a graça e confiar apenas nas capacidades da inteligência e nas forças da vontade humana (GE, n. 54). Nesse caso, “complicamos o Evangelho e tornamo-nos escravos de um esquema que deixa pouca abertura para que a

graça atue” (GE, n. 59). Mais uma vez, está em jogo a eliminação da graça na experiência da vida cristã e da evangelização. Francisco retoma um aspecto da espiritualidade clássica que constitui um dos seus fundamentos permanentes que consiste no *se deixar guiar por Deus*, por seu Espírito que todo cristão recebeu no batismo. “Não há maior liberdade do que a de se deixar conduzir pelo Espírito, renunciando a calcular e controlar tudo e permitindo que ele nos ilumine, guie, dirija e impulsione para onde ele quiser” (EG, n. 280).

4 PASTORAL E ESPIRITUALIDADE: DOIS ASPECTOS DE UMA MESMA REALIDADE

Na perspectiva de Francisco, a evangelização brota da espiritualidade, da experiência vivida, e a promove, concretizando a vida cristã. A evangelização exige o encontro pessoal com o amor de Deus manifestado em Jesus Cristo, porque sem esse encontro há o risco de uma evangelização compreendida apenas como fruto da inteligência e da vontade, que projeta esquemas perfeitos, mas sem a seiva da graça.

Somente graças a este encontro – ou reencontro – com o amor de Deus, que se converte em amizade feliz, é que somos resgatados da nossa consciência isolada e da autorreferencialidade. Chegamos a ser plenamente humanos, quando somos mais humanos, quando permitimos a Deus que nos conduza para além de nós mesmos a fim de alcançarmos o nosso ser mais verdadeiro. Aqui está a fonte da ação evangelizadora. Porque, se alguém acolhe este amor que lhe devolve o sentido da vida, como é que pode conter o desejo de comunicar aos outros? (EG, n. 8)

O Espírito Santo se revela a causa da vida espiritual, pois ele nos faz assimilar o mistério de Cristo, atualizando-o sempre para os dias hoje. E de sua ação nasce o impulso da ação. A Igreja *em saída* proposta por Francisco é a que evangeliza com Espírito, Porque sua presença elimina a autorreferencialidade em vista da disponibilidade para a obra missionária da Igreja. Por isso Francisco o invoca para renovar os corações e a Igreja: “Peço-lhe que venha renovar, sacudir, impelir a Igreja numa decidida saída para fora de si mesma a fim de evangelizar os povos” (EG, n. 261). A ação pastoral da Igreja se torna autêntica, portanto, quando impregnada da presença do Espírito, “movimento interior que impele, motiva, encoraja, dá sentido à ação pessoal e comunitária (EG 260). A pastoral evangelizadora não se funda numa opção ideológica, mas numa espiritualidade profunda, daqueles que se abrem à ação o Espírito. “Evangelizadores com espírito quer dizer evangelizadores que se abrem sem medo à ação do Espírito Santo (EG 259).

A evangelização proposta por Francisco se compreende, ainda, desde uma dimensão trinitária, porque Jesus Cristo nos revela a misericórdia do Pai pelo Espírito Santo que nos envia desde junto do Pai em sua humanidade glorificada. A evangelização espalha o amor trinitário, criando comunhão das pessoas com Deus e entre si. “Evangelizamos para a maior glória do Pai” (EG, n. 267). O Espírito Santo nos faz crer em Jesus, criando nossa comunhão

com ele que, por sua vez, nos comunica o amor do Pai (EG, n. 164). O Filho expressa o amor misericordioso do Pai e nos comunica esse amor pelo Espírito Santo.

É o Espírito Santo, enviado pelo Pai e pelo Filho, que transforma os nossos corações e nos torna capazes de entrar em comunhão perfeita com a Santíssima Trindade, onde tudo encontra sua unidade. O Espírito Santo constrói a comunhão e a harmonia do povo de Deus. Ele mesmo é a harmonia, tal como é o vínculo do amor entre o Pai e o Filho (EG 117).

No terceiro capítulo da GE, o Papa concretiza a espiritualidade cristã que traduz a santidade do cristão. Para além das “teorias sobre o que é santidade”, o Evangelho, de modo muito concreto, nos apresenta as bem-aventuranças, nas quais o próprio Jesus “explicou, com toda a simplicidade, o que é ser santo” (GE, n. 63). As bem-aventuranças revelam o rosto de Cristo e são o “bilhete de identidade do cristão”, porque o bom cristão é aquele que segue o que Jesus ensinou nas bem-aventuranças (EG, n. 63). O Papa aborda cada uma das bem-aventuranças. Os pobres em espírito são livres diante das coisas criadas e encontram em Deus a sua riqueza. A pobreza evangélica centra o cristão no essencial. A mansidão e humildade de coração são características dos discípulos, a exemplo do mestre (Mt 11,29), e os ajuda a combater o espírito bélico que reina no mundo e nas relações. A compaixão exige empatia pela dor do outro, tantas vezes ignorado no mundo do mercado e do capital. A sede de justiça é própria daqueles que não se deixam levar pela corrupção e lutam para que o mundo seja mais parecido com o sonho de Deus para a humanidade. A sede de justiça torna o cristão sensível à situação daqueles que são vítimas da injustiça sistêmica. Ser misericordioso exige agir com misericórdia sempre, crendo no amor e no perdão incondicionais. Os verdadeiramente pacíficos semeiam a paz, buscando a “amizade social”, construindo pontes entre pessoas diferentes, aceitando também as perseguições, porque a fidelidade às bem-aventuranças “pode ser malvista, suspeita, ridicularizada”. E não é possível ser santo sem enfrentar perseguições e calúnias daqueles que se opõem à lógica do Reino de Deus (GE, n. 69-91).

Uma bem-aventurança emerge como a grande regra do comportamento: “Bem-aventurados os misericordiosos”, cuja dimensão concreta se encontra em Mt 25, na parábola sobre o juízo final. Ser santo é ser misericordioso e ser misericordioso é amar. A santidade é concreta. “Ser santo não significa revirar os olhos num suposto êxtase” (EG, n. 96), mas viver para Deus praticando o amor aos últimos. O Papa constata que existem ideologias que “mutilam o Evangelho”. Por um lado, há cristãos sem um relacionamento com Deus, que transformam o cristianismo “numa espécie de ONG, privando-o daquela espiritualidade irradiante vivida por São Francisco de Assis, São Vicente de Paulo, Santa Teresa de Calcutá” (GE, n. 100). Mas também há os que “suspeitam do compromisso social dos outros”, tratando-o como se fosse algo de superficial, mundano, secularizado, imanentista, “comunista ou populista”. E se por um lado é preciso defender a vida, e o Papa reafirma que “a defesa do inocente nascituro, por exemplo, deve ser clara, firme e apaixonada, porque neste caso está em jogo a dignidade da vida humana, sempre sagrada” (GE, n. 101), por outro a defesa da vida exige compromisso

social. Para alguns cristãos a bioética é mais importante do que a acolhida dos migrantes. Mas essa acolhida é um dever de todo cristão, porque em todo estrangeiro existe Cristo, e “não se trata da invenção de um Papa, nem de um delírio passageiro” (GE, n. 103). Santidade é, portanto, “gastar-se” nas obras de misericórdia, o que se opõe ao convite que mundo consumista e hedonista que propõe “gozar a vida” egoisticamente, sem atenção aos que sofrem, o que é o oposto do glorificar a Deus, que nos propõe as obras de misericórdia como único caminho da santidade (GE, n. 107-108).

O Papa acentua, ainda, a importância da oração para a vida cristã e a evangelização. Ela emerge como exercício consciente da relação com Deus, meio indispensável da assimilação do mistério cristão. De fato, a oração não se apresenta como apêndice da vida cristã, mas como aspecto intrínseco da relação filial do ser humano com Deus. A abertura à transcendia se expressa na oração. Para Francisco,

O santo é uma pessoa com espírito orante, que tem necessidade de comunicar-se com Deus. É alguém que não suporta asfixiar-se na imanência fechada deste mundo e, no meio dos seus esforços e serviços suspira por Deus, sai de si erguendo louvores e a alarga os seus confins na contemplação de Deus (GE, n. 147).

O Papa menciona clássicos da espiritualidade cristã. São João da Cruz, por exemplo, que sugeria aos cristãos “andar sempre na presença de Deus”, num exercício de oração contínua que mantém a união com Deus (GE, n. 148). E, ainda, o conhecido conceito de oração de Santa Teresa de Ávila, que a apresenta como “uma relação íntima de amizade, permanecendo muitas vezes a sós com quem sabemos que nos ama”. *Não é privilégio de alguns, mas necessidades para todos que desejam abrir seu coração para Deus e fazer a experiência da graça e escutar a voz do Senhor que ressoa no silêncio* (GE, n. 149). Como jesuíta, o Papa recorda os ensinamentos de Santo Inácio, que propõe trazer à memória as graças recebidas de Deus na própria história, para através dela fazer a experiência da misericórdia e alcançar o amor (GE, n. 153). Para Francisco, não há santidade sem oração, porque essa é indispensável para quem deseja assimilar o mistério de Cristo, passando do assenso racional ao assenso real. E a missão evangelizadora nasce dessa experiência pessoal de Deus cujo fundamento é sempre fundamento, cuja graça vai sendo aprofundada ao longo da vida. Assim como para Santo Inácio, para o Francisco o cristão não se contenta com conhecimento exterior de Cristo, mas busca conhecimento interior, sem o qual a vida cristã e a evangelização não se sustentam.

CONCLUSÃO

Desde o início do seu magistério, o Papa Francisco apresenta a evangelização como a tarefa pastoral primeira da Igreja. E o conteúdo da evangelização consiste na “beleza do amor salvífico de Deus manifestado em Jesus Cristo morto e ressuscitado” (EG, n. 36). Esse anúncio se destina a todos, mas principalmente aos pobres e marginalizados, daí a importância de uma *Igreja em saída*, ou seja, uma Igreja que não se centralize na burocracia, nas estatísticas,

nos projetos bem elaborados, mas que se deixe conduzir pelo Espírito Santo para chegar às periferias do mundo. Uma Igreja que reconhece a prioridade da graça sobre as estruturas e reconheça que a graça do amor de Deus manifestado em Cristo se destina, antes de tudo, aos que mais necessitam desse amor, ou seja, os pobres e marginalizados. A graça de Cristo não é abstrata, mas se concretiza no Reino de paz, justiça, liberdade e fraternidade pregado e realizado por Jesus em vista da transformação do mundo. A Igreja existe não para si mesma, mas para ser sacramento desse Reino já presente na história e projetado para a eternidade. A pastoral evangelizadora da Igreja supõe, no entanto, a conversão pessoal que se traduz no encontro transformador com Jesus Cristo, sem o qual o evangelho se torna mera ideologia a serviço de interesses egoístas.

Daí a necessidade de evitar as duas *heresias* atuais que ameaçam a pastoral e a espiritualidade: o neognosticismo, caracterizado por um excesso de confiança na razão e seus conhecimentos sobre Deus, e o neopelaginismo, que supervaloriza as possibilidades da vontade humana para realizar o projeto do Reino. São posturas que eliminam a graça de Deus que chega aos seres humanos pelo dom do Espírito, verdadeiro alicerce da pastoral e da espiritualidade. Na esteira do Vaticano II, Francisco revaloriza a santidade como fruto do batismo, a partir do qual o cristão está em comunhão com Cristo, é Filho de Deus pelo Espírito e irmão de todos, membro da família de Deus que é a Igreja, com a missão servir ao próximo e construir o mundo querido por Deus através da caridade, cuja dimensão social se faz cada vez mais urgente. Pastoral e espiritualidade se assentam na caridade e estão ao seu serviço. “Deus, porém, difundiu sua caridade em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado (Rm 5,5). Por isso o primeiro e mais necessário dom é a caridade, pela qual amamos a Deus acima de tudo e ao próximo por causa dele” (LG, n. 42). Francisco propõe uma evangelização que brote da espiritualidade e uma espiritualidade que desperte para a missão. Sem esse equilíbrio proposto pelo Papa, a evangelização se torna ideologia que desconsidera a graça. Por outro lado, a espiritualidade corre o risco de um subjetivismo narcísico que leva os cristãos a buscar seus interesses egoístas em detrimento do cuidado com os mais pobres e com a criação.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA SAGRADA. Tradução oficial da CNBB. 3ª ed. Brasília: Edições CNBB, 2019.

CONCÍLIO VATICANO II. *Constituição Dogmática Lumen Gentium*. 31a Ed. Petrópolis: Vozes, 1969, p. 37-113.

CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. *Carta Pacluit Deus*. Aos Bispos da Igreja Católica sobre alguns aspectos da salvação cristã. Documentos da Igreja 42. Brasília: Edições CNBB, 2018.

FRANCISCO. *Evangelii Gaudium*. Exortação apostólica sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Loyola, 2013.

FRANCISCO. *Gaudete et Exsultate*. Exortação apostólica sobre o chamado à santidade no mundo atual. São Paulo: Paulus, 2018.

GAMARRA, Saturnino. *Teología Espiritual*. Madrid: BAC, 2000.

RAMOS, Juan A. *Teología Pastoral*. Madrid: BAC, 2006.